

**O FORMAR-SE DO “AFRICANO” “NEGRO ANDRÉ”: A TRAJETÓRIA
DE ANDRÉ REBOUÇAS A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS NA
CONSTRUÇÃO DE DIREITOS PARA ALÉM DA LIBERDADE, 1870-1880**

**THE MAKING OF THE “AFRICAN” “NEGRO ANDRÉ”: THE
TRAJECTORY OF ANDRÉ REBOUÇAS BASED ON HIS EXPERIENCES
IN THE CONSTRUCTION OF RIGHTS BEYOND FREEDOM, 1870-1880**

Leandro Duarte Montañó¹

Resumo

O objetivo do presente artigo é apresentar elementos da trajetória do intelectual abolicionista negro André Pinto Rebouças, buscando compreender de que maneira a sua atuação e suas reflexões sobretudo no tocante à educação podem ser compreendidas através das transformações pelas quais passou em suas experiências dentro e fora do Brasil. O foco será o de explorar possibilidades de análise biográfica alicerçada no que convencionou chamar de dimensão atlântica de suas experiências, o contato com outros povos e culturas e de que maneira isto teria influenciado nas mudanças que ele sofreu e que teriam influenciado os papéis que desempenhou, sobretudo nos anos de 1870 e 1880.

Palavras-chave: intelectual atlântico; abolicionismo; racismo; identidade.

Abstract

The aim of this article is to present elements of the trajectory of the black abolitionist intellectual André Pinto Rebouças, seeking to understand how his actions and reflections, especially regarding education, can be understood through the transformations he

¹ Historiador e pesquisador, pós-doutorando em História (UFRJ), Doutor em Educação (PPGE/UFRJ) e Mestre em História Comparada (PPGHC/UFRJ), graduou-se com licenciatura plena em História (UFRJ). Atualmente é servidor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, exercendo atividades voltadas aos campos de ensino, pesquisa e gerenciamento acadêmico. Suas pesquisas englobam História do Brasil e Atlântica, sobretudo no século XIX, com ênfase nos campos de demografia histórica, história intelectual, história das ideias, educação e escolarização, cidadania e participação política dos setores subalternos (livres, libertos e escravizados) no contexto da escravidão e pós-emancipação. Atua também nos campos da História Pública e da Divulgação Científica, produzindo conteúdos para públicos não especializados em plataformas digitais e nas redes sociais, em particular.

underwent in his experiences inside and outside Brazil. The focus will be on exploring possibilities of biographical analysis based on what is conventionally called the Atlantic dimension of his experiences, contact with other peoples and cultures and how this would have influenced the changes he underwent and which would have influenced the roles he played, especially in the 1870s and 1880s.

Keywords: Gender; Slavery; Freedom; Maternity; Abolitionism.

Introdução

[...] quando em dezembro de 1860, por malditos preconceitos de cor, negaram a mim e ao Antonio o prêmio de viagem à Europa e até o concurso aprovado pelo regulamento da escola redigido pelo liberal ministro J. Francisco Coelho, disse meu pai: “Minha Carolina (sua mãe), venderei os meus livros, mas os meninos hão de terminar sua educação na Europa” (Rebouças Apud Jucá, 2001, p. 42).

Nós necessitamos de instrução e capital. E como não é possível construir escolas, comprar livros e pagar mestres sem capital, é preciso resolver simultaneamente o problema do capital e o problema da instrução: “Não se pode ensinar a ler a quem tem fome.”

É preciso capital para instrução, e capital para a indústria. É preciso dar simultaneamente ao povo -- instrução e trabalho. Dar instrução aos brasileiros para que eles conheçam perfeitamente toda a extensão de seus direitos e de seus deveres; dar-lhes trabalho para que eles possam ser real mente livres e independentes! (Rebouças, André Pinto., 1878, p. 284)

Ora eu vim para a África, não para caçar leões, como um Lord; mas sim para combater a escravidão e o monopólio territorial. Desembarquei em Port Saïd a 2 de abril de 1892 e logo dei o 1º combate. Claro está que não narro as vitórias por horror ao Quixotismo; mas estou contente comigo mesmo e fico em dúvida se devo morrer na África ou no Brasil. (Carta de André Rebouças a Visconde Taunay. Cape Town, 4 de abril de 1893. André Rebouças tirou a própria vida em Funchal, na Ilha da Madeira, no ano de 1898.)

As palavras acima foram escritas por André Rebouças em três momentos de sua vida. No primeiro plano, palavras ressentidas que marcaram a memória de um jovem que acusavam o preconceito contra a cor de sua pele como o responsável, na década de 1860 (e reproduzidas décadas mais tarde) pela frustração dos projetos pessoais que passavam pelos seus estudos no exterior com subsídio governamental; no segundo caso, já quase na virada da década de 1870 para a seguinte, temos o mesmo indivíduo, mais maduro,

estabelecido e engajado com causas diversas, dentre as quais o abolicionismo, que julga que os mesmos estudos que foram de alguma forma negados a ele seriam a chave para o progresso cultural, social e moral de outros indivíduos. Por fim, no terceiro caso, já nos últimos anos de sua vida em seu autoexílio em território africano, vemos palavras de uma pessoa aguerrida e segura de suas convicções, desenvolvidas nas décadas anteriores – a luta contra o latifúndio e a escravidão.

No primeiro caso, os esforços de sua rede de apoio, no caso, de sua família, foram fundamentais para que ele e seu irmão, Antônio, pudessem completar os estudos na Europa; no caso da maioria dos brasileiros e brasileiras pobres, em especial, afrodescendentes, não haveria essa possibilidade. O racismo sofrido por André e seu irmão nessa ocasião deixariam marcas que acreditamos teriam moldado as lutas seguintes deles em favor da educação e do progresso. Talvez ambos não tivessem essa dimensão naquele momento em específico, dada a complexidade das experiências com as quais lidaram. Mas, sem dúvida, essa memória seria mobilizada mais tarde, por ocasião de seu contato com outras sociedades e culturas que tinham em comum a presença de africanos e afrodescendentes e onde ele enxergava experiências em comum, algo que parece se confirmar pelos relatos seguintes. Explorar essas possibilidades a partir de recortes de suas experiências e de seus relatos/escritos tendo como fio condutor as causas da educação e dos direitos civis será o caminho seguido para entender o personagem André Rebouças e, a partir de sua dimensão micro, alcançar realidades e experiências macro da sociedade escravista brasileira.

Rebouças em passagens

André Pereira Rebouças nasceu em 13 de janeiro de 1838, na cidade de Cachoeira, na província da Bahia, filho de Antônio Pereira Rebouças e de Carolina Pinto Rebouças. Mudou-se com a sua família para o Rio de Janeiro em 1846 e completou seus estudos secundários² nessa cidade e em Petrópolis. Recusado junto com seu irmão Antônio na Escola de Marinha, prestou exames para o curso de Engenharia da Escola Militar (posteriormente, Escola Politécnica) em 1854, formando-se, junto com seu irmão, nesse curso no ano de 1860. Viria a se tornar um respeitado engenheiro, participou da Guerra do Paraguai em 1865, foi responsável, ao lado do irmão Antonio Pereira Rebouças Filho,

² O ensino no Império do Brasil era dividido em “Primário”, “Secundário” e “Superior”, o que seria, em termos atuais, ensinos Fundamental, Médio e Superior, respectivamente.

pelo plano de abastecimento de água do Rio de Janeiro e pela construção das docas da Alfândega, além do projeto da estrada de ferro ligando a cidade de Curitiba ao litoral do Paraná, na cidade de Antonina, e posteriormente (quando da execução) teve o trajeto alterado para o porto de Paranaguá.

Ele era um indivíduo com muitas facetas: empresário, inventor, engenheiro, pesquisador, professor, escritor, ativista da causa abolicionista, para citar alguns exemplos de seus campos de atuação durante a vida. Ele é mais comumente reconhecido ora pelo seu prestígio no campo da engenharia, realizando projetos e empreendimentos responsáveis pela modernização do Brasil, ora pela luta abolicionista, sendo umas das principais figuras dessa luta dentro e fora do Brasil.

A notoriedade de sua trajetória nesse campo de atuação técnico e científico é digno de nota através das inúmeras biografias e textos dedicados a ele (Jucá, 1988; Brito, 2019; Schueler; Pinto, 2013; Silva, 2022). Mas o que interessa aqui é menos seu brilhantismo no campo da engenharia e mais na construção de “pontes” que permitiriam a transgressão de limitações sociais e políticas impostas aos indivíduos em suas trajetórias de vida. Sua atuação como educador ou como uma das figuras centrais à causa abolicionista, algo que, aliás, marcou profundamente sua trajetória, o identifica com um intelectual multifacetado que se dedicou a pensar sobre o Brasil e sobre os brasileiros, formulando projetos que visavam não apenas resolver questões práticas e imediatas, mas, sobretudo, para o desenvolvimento e o futuro do país.

Paralelamente, ao se dedicar a essas construções (metafóricas), há (trans)formações que se operam em si a partir de seu trânsito entre ideias, experiências e lugares. Esse trânsito se deu a partir de sua busca por soluções e respostas para questões que o inquietavam. Sua avidez por respostas o levava a entrar em contato com circunstâncias suas e de terceiros que acabaram por transformá-lo em um intelectual cada vez mais comprometido com questões coletivas que ele enxergava como centrais, num primeiro momento, a seu país e, até o fim de sua vida (em 1898) no exílio em terras africanas³ universais. Ele se transformava ao mesmo tempo que tentava transformar aspectos da realidade à sua volta.

³ “Ora eu vim para a África, não para caçar leões, como um Lord; mas sim para combater a escravidão e o monopólio territorial. Desembarquei em Port Saïd a 2 de abril de 1892 e logo dei o 1º combate. Claro está que não narro as vitórias por horror ao Quixotismo; mas estou contente comigo mesmo e fico em dúvida se devo morrer na África ou no Brasil” (Rebouças, 1898).

Sua condição de negro nascido livre em uma família de pessoas letradas, intelectual e politicamente atuantes, teria marcado a sua trajetória e teria estimulado seu caminho pelos estudos. Os exemplos e estímulos familiares e a sua visão de superação das limitações impostas a pessoas de sua cor em um país hierarquizado e escravista, formariam uma concepção de que poderia chegar longe se se esforçasse. Essa noção teria sido reforçada não apenas por uma carreira bem-sucedida nos negócios, na engenharia e na academia, como pelas suas experiências fora do país⁴. Essa sua visão, em princípio, idealista do esforço individual como motor da transformação marcaria passagens de sua vida e, em determinados momentos, seria testada pelas circunstâncias estruturais do racismo intrínseco às variadas experiências com as quais lidou. Como se pode imaginar, essa tensão teria moldado sua percepção de mundo e a forma como se enxergava e enxergava as pessoas à sua volta.

Ele teve uma produção intelectual profícua, inserindo-se nos debates acerca das mais variadas causas, desde a engenharia até questões sociais como a abolição, a reforma agrária e a promoção da educação. Em uma de suas obras chamada *Agricultura Nacional Estudos Econômicos: propaganda abolicionista e democrática*⁵ há um investimento intelectual que consegue congrega sua linha de pensamento entre os anos de 1870 e 1880. Nela são defendidas uma série de medidas necessárias para o desenvolvimento do país, sobretudo no que tange a questões econômicas e sociais que, segundo ele, passavam pelo principal elemento de nossa economia: a agricultura. Para ele, sem a modernização das técnicas de produção, a centralização agrícola, a reforma agrária e a educação que dotassem os trabalhadores egressos da escravidão de terras e formação, o Brasil continuaria “atrasado” se comparada a países como os Estados Unidos da América (EUA).

A comparação com os EUA não seria fortuita, afinal, se tratava de uma país com dimensões continentais situado no continente americano, com um grande potencial econômico, que apresentava atrativos migratórios (como os incentivos governamentais

⁴ Sempre que o historiador se propõe em discutir trajetórias individuais é importante que não perca de vista as dimensões sociais e históricas dessas trajetórias e sua conexão com dimensões macro e micro de suas existências. Elas permitem, como lembra Jacques Revel, recompor e pensar questões mais amplas relativas às relações familiares, de formação escolar/acadêmica, às estratégias de socialização e de ação no mundo, fugindo das armadilhas teóricas que isolam o agente das redes de sociabilidade nas quais se inseriu e a partir das quais se formou e transformou (Revel, 1998).

⁵ Segundo Joselice Jucá (1988, 210) “a primeira versão deste trabalho, iniciado por volta de 1872, surgiu sob a forma de artigos publicados no Jornal do Comércio e no Novo Mundo ao longo dos anos setenta” do século XIX.

para o assentamento em terras ou a ocupação de postos de trabalho na crescente indústria). Para além disso, apresentava um passado colonial “recente” atrelado a uma potência europeia, um largo histórico de uso da mão-de-obra escravizada consolidada e expandida após a independência e uma participação ativa no tráfico internacional de seres humanos, negociando com o Brasil, inclusive.

Do ponto de vista ideológico, os EUA, mais especificamente, os estados do Sul⁶, teriam contribuído para a formação de um *ethos* social e político que, em muitos aspectos, dialogava com as visões de mundo das elites políticas e econômicas brasileiras.⁷ Na verdade, vários setores sociais daquele país dialogavam com a sociedade brasileira através das experiências de grupos migratórios, seja por afrodescendentes, seja por escravistas⁸.

A organização das comunidades com as quais teve contato na América do Norte e, em seu interior, a forma como os afro-americanos eram tratados e como lidavam com as variadas formas de segregação impostas estruturalmente por uma elite majoritariamente branca e racista trouxeram elementos que aguçaram a percepção de que as semelhanças e diferenças poderiam servir como uma forma de experiência pedagógica para André. Afinal, diante de circunstâncias hostis e de difícil superação, a comunidade negra criava estratégias, seja pela ação individual ou através do associativismo, para construir meios de superar os obstáculos impostos por graus variados de segregação sociorracial, econômica e política. As semelhanças e diferenças não param por aí, evidentemente, mas as circunstâncias observadas teriam deixado marcas que seriam observadas nas reflexões e ações desse intelectual negro brasileiro.

Em um dos seus artigos escritos após seu retorno da viagem que fez aos EUA em 1873, Rebouças deixa clara a sua visão sobre aquele país:

Há negros nas universidades, nas academias, nos colégios e nas escolas; há negros médicos, advogados, em todas as profissões; há negros deputados e senadores; há negros padres, em todos os ramos da religião cristã. [...] e ninguém ousa mais pôr em dúvida que se possa educar o

⁶ Se tomarmos como base até o ano de 1861 aproximadamente, a expansão para o Oeste teria alagado esse “Sul” e contribuído para o alargamento das fronteiras da escravidão para além das colônias do Sul presentes na costa atlântica.

⁷ Gerald Horne (2010) analisa resumidamente o escravismo sob uma perspectiva atlântica e como as elites escravistas dos EUA e do Brasil se associariam não apenas economicamente, como também para formar uma espécie de “cordão sanitário” contra as ideias abolicionistas e a pressão sobretudo inglesa pela abolição do tráfico e, quiçá, sob o fim da escravidão.

⁸ Algumas pesquisas demonstram (SILVA, 2007) que alguns agricultores confederados migraram para o Brasil após a Guerra de Secessão (1861-5), buscando no vizinho do Sul condições propícias para suas atividades econômicas e adaptação social, como no caso de Campinas.

negro nos mais elevados princípios da ciência e de moral cristã (Rebouças, 1879, p. 250).

Suas experiências na viagem feita inicialmente à Europa e, por fim, aos EUA, em busca de ter contato com novos conhecimentos no “mundo civilizado”, teriam gerado um impacto transformador na formação intelectual e política de Rebouças. Na verdade, como lembra Antonio Carlos Higino (2018), a viagem teria sido motivada pelo desgaste provocado entre ele, à frente das Docas D. Pedro II, o governo de Rio Branco e grupos contrários ao modelo de negócios que ele tentava implementar na modernização portuária da capital. Essa não foi a única vez que ele e seu irmão tiveram que lidar com a oposição ferrenha de pessoas dentro e fora do poder público.

Talvez ele tenha vivenciado algo similar com aquilo que Frederick Douglas (1818-1895) experimentou ao sair dos EUA (1845-7) pela primeira vez, indo para as ilhas britânicas (Inglaterra, Irlanda, Escócia e Gales) e lá tendo um tratamento diferente do que experimentava na sociedade estadunidense na qual ainda era um escravo fugitivo e que tinha que provar o seu valor a cada momento de sua existência. Essas experiências - às avessas das de André Rebouças - aguçou ainda mais em Douglas um sentimento de revolta contra a escravidão e teve um efeito potencializador de sua expectativa quanto a superação da escravidão⁹.

Nas palavras do próprio André, era a viagem “de alguém que vai estudar e aprender”. Na Europa, por exemplo, o acesso e diálogo com os setores de elite europeus, principalmente na França e Inglaterra, “sobretudo aquelas ligadas à sua área de atuação profissional, a engenharia, fez com que [ele] tivesse notícias do que havia de mais moderno no campo das obras públicas, sobretudo o sistema marítimo e o transporte ferroviário” (Brito, 2019). No caso dos EUA, onde encerrou sua viagem, teve contato com uma sociedade com forte presença negra, em seu período pós-abolicionista, com um passado escravista recente e em que o racismo (Munanga, 2003) e as estruturas sociais criavam obstáculos à aquisição/gozo de direitos civis e políticos da população negra. Tais

⁹ Em seu texto “Preconceito de Cor” (1850) em que escreveu a partir de uma experiência racista e violenta em Nova Iorque, ele afirma sobre os EUA que “(...) excetuando-se os vinte meses que passamos na Inglaterra (**onde cor não é crime, e onde a adequação de um homem à sociedade respeitável é medida por seu valor moral e intelectual**), não nos recordamos de ter feito uma única turnê abolicionista por qualquer parte deste país em que não sofrêssemos o ataque desse mesquinho espírito de casta” (Douglas, 2021).

circunstâncias teriam gerado desconfortos e, de certo modo, uma mudança de seu olhar sobre o Brasil e sobre si próprio, como será visto mais adiante.

Os contrastes e nuances de suas experiências dentro e fora do Brasil marcariam a maneira como ele via os horizontes que se abririam à sociedade brasileira. Como ele mesmo registrou, em um episódio na cidade de Nova Iorque, que ficava no norte do EUA, portanto, fora do eixo tradicionalmente identificado com o racismo e com a escravidão - o Sul, ele sofreu uma experiência de discriminação racial, na qual o seu *status* e prestígio no Brasil não fizeram diferença diante da cor de sua pele¹⁰. Em seu diário, ele registra que “[...] compreendi que era a dificuldade da cor a causa de recusas de aposentos” (Apud Jucá, 2001). Assim, na década seguinte, mais uma vez ele se depara com situações que escapam ao seu controle e em que pouca serventia teria o seu prestígio ou suas grandes capacidades. Tudo aquilo que conquistara até aquele momento, todo o seu esforço em transgredir obstáculos, seriam represados por uma ordem poderosa e transnacional que colocava não apenas ele, como milhares de outras pessoas negras, sejam quais forem as suas origens, em uma condição de subalternidade. Mais uma vez os trânsitos geográficos e culturais geravam choques de realidade, por assim dizer, que colocariam em questão convicções a respeito de sua condição.

As experiências e as histórias com as quais se deparou e vivenciou até aquele momento em sua viagem teriam despertado nele a visão que sustentaria durante anos de que algo deveria ser feito para romper com as amarras que impediam o “progresso” social, cultural, moral etc. das pessoas. Os caminhos que seguiu a partir desse momento e as batalhas que resolveu lutar, individualmente ou junto de outras pessoas, buscavam transformar aspectos do mundo que ele enxergava como equivocadas. Em certo sentido, não apenas a liberdade jurídica, fundamental a condição humana e central a causa abolicionista, mas a educação seriam as chaves para o processo de emancipação e progresso social. Aquilo que ele experienciou até aquele momento e mesmo depois reforçaram a sua visão sobre a educação como uma das formas de transgredir as barreiras que os impediam de prosperar, essa parecia ser uma bandeira importante a ser defendida¹¹.

¹⁰ Episódios como quando não conseguiu um hotel sem a intervenção do Cônsul brasileiro, ou quando não lhe foi servido alimento em restaurantes, trens e o caso do Opera House. Para mais detalhes, ver: Brito, 2019.

¹¹ A historiadora Hebe de Mattos (2018) observa que as viagens de Rebouças aos EUA e ao continente africano marcaram sua formação política e sua subjetividade, gerando um comprometimento pessoal com a busca de modelos de modernização em sociedades pós-escravistas que incluíssem pessoas negras nesse processo.

Como alguns historiadores chamam a atenção (Schueler; Pinto, 2013; Mattos, 2018), esse tipo de percepção e as experiências com as quais lidou, geraram desconfortos e pontos de contato entre as experiências dos afro-americanos, sua história pessoal e a forma como o Brasil se organizava.

Rebouças na imprensa: pensando o Brasil

O trânsito pelo Atlântico¹² fez com que André Rebouças tomasse contato com ideias e correntes intelectuais que marcariam sua trajetória nesse período. O contato com as ideias que circulavam nos EUA e na Europa a respeito de direitos civis, transformações sociais e econômicas e, sobretudo, sobre o enfrentamento da escravidão, fizeram com que se conectasse à círculos intelectuais comprometidos com ideias de reformas sociais através do progresso econômico e da luta pelo fim da escravidão.

Uma das formas em que é possível de se verificar essa aproximação é através de sua participação como colaborador do periódico intitulado *O Novo Mundo*, juntamente com outras figuras brasileiras como José Carlos Rodrigues (fundador e proprietário), Souza Andrade, Salvador de Mendonça e mesmo Machado de Assis que demonstravam seu alinhamento a uma visão de mundo desejosa de promover reformas nos alicerces sócio-políticos e culturais brasileiros, tendo como ponto de referência os EUA. Segundo Mônica Ascitti (2010, 38), “Joaquim de Sousa Andrade, André Rebouças e Salvador de Mendonça integram o grupo de intelectuais que tiveram participação sistemática em *O Novo Mundo*, convictos (ao menos por algum período) da conveniência da adoção dos parâmetros estadunidenses para que o Brasil fosse alçado ao nível de desenvolvimento compatível com os países ‘civilizados’”.

Resumidamente, se tratava de um periódico que circulou entre 1870 e 1879, editado nos EUA, composto por figuras latino-americanas e direcionadas a leitores brasileiros, propondo-se não apenas a dar notícias dos Estados Unidos, “mas expondo as principais manifestações do seu progresso e discutindo sobre as causas e tendências deste progresso” (Ascitti, 2010, p. 33). Segundo José Carlos Rodrigues, haveria um interesse na América Latina e no Brasil pelo estudo profundo daquele país e o seu periódico iria contribuir com essa tarefa (Idem, 33-4)

¹² O Atlântico aqui é pensado como um lugar e uma metáfora sobre a circularidade de ideias e de pessoas que influenciou na formação de correntes intelectuais, ideologias, projetos, identidades etc. A esse respeito, ver Linebaugh, Rediker, 2008; Gilroy, 2001.

Se contraponto a ideia de centralidade europeia, a postura editorial seguida por esse periódico era a de que os EUA seriam o “paradigma de civilização” a ser seguido e a partir do qual eram desferidos ataques à sociedade brasileira em temas como ausência de relações modernas de trabalho (e, nesse ponto, a centralidade das críticas ao sistema escravista), a persistência de uma estrutura econômica identificada como “colonial”, a existência de instituições monárquicas e a falta de instrução da população. Com exceção do tema da monarquia¹³, Rebouças comungava do mesmo entusiasmo e das ideias de seus “colegas” de jornal e isso se tornaria presente através de suas contribuições escritas.

A participação em *O Novo Mundo* fez com que André tivesse contato com diversos intelectuais, abolicionistas inclusive, que defendiam ser possível que uma sociedade de origem escravista, a exemplo dos EUA, tivesse capacidade de se desenvolver através de investimentos em setores técnico-científicos e educacionais. Entretanto, se aquele jornal parece levantar a bandeira de uma certa vanguarda reformista tendo nos EUA o seu grande exemplo, algumas circunstâncias que marcariam a *intelligentsia* daquele país também se espraavam.

Embora tivesse tendências progressistas/abolicionistas e que tenha colaborado para o desenvolvimento dos debates a respeito desse e de outros temas, é importante entender que aquilo que era escrito nas páginas daquele jornal fora feito por pessoas que vivenciavam as experiências de sociedades escravistas do século XIX. Portanto, visões hierarquizadas, evolucionistas, preconceituosas fazem parte de seu repertório ideológico, como podemos notar pelo trecho a seguir:

[...] Grande maioria da população negra vive na mais completa miséria e degradação. Muitos delles teem comprado quadras de terras e tentam cultivar-as; mas nessas terras, já fatigados, não viceja a plantação sinão á custa de muit'arte, e agricultura é o que os negros absolutamente ignoram. Entretanto devemos dizer que não é exacto que o negro seja, por via de regra, vadio: inintelligente e dependente como é, elle trabalha bem em boas terras, e, sendo feitorado, até trabalha mais e melhor do que quando escravo. Sem governo, porém, elle torna-se inútil, pois carece inteiramente do senso de responsabilidade. De facto, a condição moral dos libertos é abjecto até o suprasummo. Elles não conhecem o que é virtude: a sua moral é relaxada como se podia esperar do escravo. Elles não tomam conta de si, nem physica nem moralmente, e o resultado é que estão fenecendo mui depressa, a proporção da mortalidade entre eles sendo maior do que entre os brancos. / Todos esses males pro vêem de longe: todos são o justo castigo do grande crime da escravidão: não foi só com a guerra civil que Norte e Sul

¹³ Rebouças era um monarquista convicto, acreditava que o sistema poderia ser reformado e modernizado, sem a necessidade de rupturas profundas no sistema ou sua substituição por um sistema republicano como o dos EUA, por exemplo.

pagaram pela iniquidade: a punição dura ainda na corrupção do país em geral, causada pela guerra, e na desolação desesperada de alguns dos Estados do Sul (O Novo Mundo, 23 de julho de 1874, p. 178).

Com o objetivo de atacar a escravidão como uma instituição que teria “corrompido” os EUA e a sua população (juntamente com a Guerra Civil, também causada por ela), o autor acaba por desumanizar os afro-americanos. No tocante a este grupo, uma espécie de “mácula” os acompanharia mesmo após a sua liberdade, afinal, os libertos, seriam “vadios”, “ininteligentes” (sic), “sem senso de responsabilidade”, “dependentes”, “sem governo”. Os adjetivos utilizados para “sensibilizar” o leitor (branco) sobre os males da escravidão, pensavam num pós-abolição em que esses indivíduos fossem “instruídos” para “viverem em liberdade”, como se fossem incapazes de abandonarem por iniciativa própria a sua condição de cativos.

Portanto, ele mira na instituição que seria responsável pela “desumanização”, mas acerta precisamente naqueles que seriam suas “vítimas” ao desumanizá-las e bestializá-las. As palavras acima deixam transparecer, a contrapelo do que provavelmente pretendia, preconceitos intrínsecos que alicerçam o próprio sistema que ele afirma combater. Eles deveriam ser civilizados, talvez? Civilizar, leia-se, torná-los “dóceis”, “adequados”, à sistemas sociais e laborais dominados por brancos de elite.

Retomando o fio condutor da análise, percebe-se que os paralelismos estabelecidos nesse periódico entre os EUA-Brasil ou EUA-Europa indicaria uma ruptura paradigmática com o modelo civilizacional centrado na França, indicando uma relação dúbia com o cosmopolitismo: ao mesmo tempo que indica ausências no Brasil, projeta possibilidades em seu futuro. Pegando o tema apontado no trecho acima, o da agricultura, central quando se fala de escravidão nas Américas, é possível perceber a sua correlação não apenas econômica, mas também sociocultural na formação de padrões de comportamento, hierarquias e sistemas de poder, sobretudo, nos estados do Sul dos EUA. Naquele país, a Guerra Civil (1861-5) e a luta entre dois modelos de sociedade orbitavam nas concepções da posse da terra e de outros seres humanos. Nesse contexto, fornecer terras aos afro-americanos livres seria a chave para um modelo societário liberal baseado na propriedade privada e na iniciativa individual.

André Rebouças sentia-se compelido pelas ideias da socialização da propriedade rural através de sua fragmentação e a preparação dos indivíduos para a vida em liberdade em defender a reforma agrária e a educação no Brasil como formas de fornecer renda,

trabalho e educação aos mais pobres e, sobretudo, aqueles egressos da escravidão e, com isso, promover o desenvolvimento do país. Em sua concepção, a concentração de terras, o latifúndio, e a falta de oportunidades seriam obstáculos a serem transpostos mediante reformas que levassem em consideração a realidade brasileira e seu povo.

Se as ideias pareciam encontrar eco entre seus colegas de redação e em parcelas dos ciclos intelectuais mais refinados e comprometidos com a causa da abolição da escravidão, fazer com que elas promovessem alguma mudança na maneira como o Brasil se organizava era uma coisa completamente diferente. Havia um abismo que separava tais ideias e a ideologia dominante dos latifundiários e seus representantes. A última se amparava em uma realidade complexa e historicamente construída para manter as engrenagens sociais e econômicas do país sem grandes alterações e a quem o sistema político servia como reproduzidor das desigualdades.

Podemos citar como exemplo as teses dos Congressos Agrícolas realizados em 1878¹⁴. Nelas, principalmente nas do Rio de Janeiro, percebemos uma possível interlocução entre os grandes proprietários de terras e André Rebouças. Uma avaliação entre os temas¹⁵ apresentados e o tratamento recebido revela que as expectativas dos delegados da lavoura corroboram para esse fim. É possível identificar, por exemplo, leituras negativas sobre o liberto, o ingênuo, sobre o trabalhador nacional e positiva, em alguns aspectos, em relação ao europeu, não apenas em relação ao trabalho, mas ao que ele poderia agregar (fisicamente, culturalmente etc.) ao povo brasileiro. Há momentos em que as propostas pró-imigração, sob a ótica de “falta de braços”, não conseguiam ocultar uma dimensão eugênica de que africanos ou asiáticos não seriam uma boa opção para serem agregados ao Brasil. Portanto, parece no mínimo plausível presumir que os debates travados aqui diziam muito mais a respeito do projeto de Brasil que se visava desenhar.

A esse respeito, Rebouças esclarece que sem mexer na estrutura fundiária, de nada adiantaria tentar atrair imigrantes europeus, pois apenas colonos provenientes da Ásia aceitariam as condições como eram postas.

¹⁴ CONGRESSO AGRÍCOLA DO RIO DE JANEIRO, 1878; sobre o de Recife, ver: SOCIEDADE AUXILIADORA DA AGRICULTURA DE PERNAMBUCO, 1879.

¹⁵ Dentre os temas tratados, podemos destacar: a oferta de créditos agrícolas, a manutenção da grande propriedade; a associação do trabalho e do trabalhador ao sistema de clientela e dependência; os preconceitos raciais e sociais com relação ao imigrante asiático e aos africanos e seus descendentes, que além de criarem problemas no trabalho, sobretudo após 1871, acabavam por criar problemas na formação da população brasileira devido à sua origem “inferior”; além disso, havia a questão da ordem pública que, segundo os representantes da lavoura, seria ameaçada pela grande aglomeração de desocupados que serviriam apenas como “massas de manobra” nas mãos de senhores de terras em tempos de eleições.

[...] A verdadeira interpretação da frase oficial – carencia de braços - é que o Imperio necessita de reformas sociaes, economicas e financeiras importantissimas, que permittam o aproveitamento de milhares e milhares de individuos, que vegetam nos nossos sertões, e, ao mesmo tempo, attraiam a immigração espontanea da população superabundante da Europa. Ora, já dissemos por vezes nestes Estudos, o principal attractivo da immigração é a propriedade facil e immediata do sólo. Serão infructiferos, e até contraproducentes, todos os esforços feitos para substituir colonos aos escravos. Só ha um desgraçado colono que se presta a essa miseranda substituição: é o infeliz Chim. [...] (Rebouças, 1988, p. 383)

Portanto, para defender ideias que funcionavam nos vizinhos do norte, Rebouças e seus colegas teriam como desafio um país rural, patrimonialista e latifundiário comandando por uma elite diretamente ligada à concentração de terras, de poder político e da exploração da mão-de-obra negra. Era necessário lidar, portanto, com a resistência dos poderosos da terra e daqueles que defendiam seus interesses nas esferas parlamentares, governamentais e jurídicas, bem como na opinião pública formada por jornais e revista comprometidas com tais interesses, além de críticas diretas da própria “lavoura” através de seus representantes, muitos deles com fortes *lobbies* em setores chave do país.

André Rebouças e as facetas de um intelectual atlântico

Retornando a André Rebouças, sua realidade estava muito distante da maioria dos africanos e afrodescendentes residentes no Brasil. Ele nasceu livre, fazia parte de uma família de prestígio no Império, sendo seu pai um conceituado advogado, político importante e Conselheiro de D. Pedro II (Grinberg, 2002, p.310). Milhares de outras pessoas africanas e afrodescendentes nasceram e morreram sem sequer conhecer a liberdade e sem ter tido acesso à educação formal. Seu contato com determinados círculos intelectuais dentro e fora do país e os contatos com as experiências de discriminação racial bem como a superação dessas experiências pelas comunidades negras (dentro e fora do país) teriam tido um efeito catalizador em sua vida, pois transformaram suas perspectivas sobre si próprio e sobre o seu papel no mundo.

Quanto mais se aproximava das experiências de vida de pessoas que sofriam com a escravidão e com os preconceitos e violências a ela atreladas, mais isso se tornaria um catalisador intelectual que fez com que buscasse oportunizar saídas para essa realidade. Provavelmente, isso contribuiu para que se aproximasse dos círculos abolicionistas e de

intelectuais como José do Patrocínio e Joaquim Nabuco, como teria contribuído para a fundação de associações e jornais abolicionistas, bem como participar de iniciativas de libertação e de educação de escravizados e seus descendentes¹⁶.

Portanto, a biografia dessa figura seria marcada por experiências sociais que colaboraram para as construções e modificações de suas visões de mundo e de sua trajetória de vida, potencializadas pelas redes sociais das quais fez parte, muitas delas marcadas por intelectuais com as quais estabeleceu relações de afetividade e de admiração (Sirinelli, 2003). A trajetória histórica de uma pessoa se traduz em experiências que podem representar importantes circunstâncias de aprendizagem sobre os diversos significados da liberdade. Isso é especialmente verdadeiro para alguém que nasceu livre em uma família afrodescendente de prestígio, com um pai autodidata que construiu uma carreira intelectual e política destacada. Essas experiências incluem contatos com diferentes formas e graus de preconceito, além de vivências transnacionais e locais junto a populações escravizadas ou libertas, superando obstáculos para a conquista de direitos.

Acredita-se que essas experiências funcionaram como uma espécie de prática pedagógica, que, aliada aos conhecimentos acadêmicos adquiridos e à trajetória educacional dessa pessoa, transformaram sua visão sobre a escravidão. A ideia de passar adiante sua visão de educação emancipatória que empoderaria aos mais pobres através da expansão de seus horizontes viria de sua apreensão dos sentidos da liberdade. Sua pedagogia pessoal traduzida pelas experiências vivenciadas e pelos contatos com agentes históricos variados serviriam como propulsor de sua transição para um abolicionismo cada vez mais ativo e para uma transição de sua visão acerca da educação como principal transformadora de vidas. Afinal, para ele, “alfa de toda a reforma é a educação” (Rebouças, 1988, p. 325).

Retomando a linha original do parágrafo anterior, a realidade socioeconômica e cultural de André Rebouças estava distante da maioria dos “pretos” e “pardos” de seu tempo, mas as experiências que vivenciou fizeram com que estas realidades distantes se cruzassem produzindo uma transformação pedagógica no intelectual que se tornou abolicionista e que buscava na educação o caminho para a liberdade. Coincidentemente,

¹⁶ A exemplo de Frederick Douglas e suas viagens para fora dos EUA, os contatos com outras culturas e povos teria despertado a busca por respostas que se materializaram em uma atuação combativa contra a escravidão e a favor dos direitos civis e políticos. Partindo de choques culturais, as experiências de Rebouças e de Douglas antes dele, teriam gerado transformações em suas perspectivas ou reforçado algumas ideias que traziam de suas histórias pregressas.

sua maior aproximação com as causas da abolição e sua dedicação mais ampla com a causa dos direitos civis, políticos e com a educação emancipatória coincidiram com rupturas em suas redes originais, marcadas pela perda de seu irmão, Antônio, em 1874, após seu retorno dos EUA, e do falecimento de seu pai, em 1880¹⁷. Essa associação talvez tenha desencadeado algum efeito psicológico em André ou talvez sirva apenas como recurso metafórico e teórico de que as figuras importantes e que ajudaram em sua formação teriam o deixado e, talvez, a partir de suas perdas, ele encarasse que estaria incumbido de levar adiante seus legados, ressignificando-os, juntamente com os legados de muitos outros negros e negras, brasileiros ou não, que lutavam contra as limitações impostas pelo racismo e pela escravidão.

Seu pai teria sido seu primeiro “professor” e seu irmão um amigo e companheiro intelectual. As rupturas pressupõem reconstruções e Rebouças teria se reconstruído após suas experiências traumáticas (nos EUA e no Brasil), desempenhando transformações em sua trajetória. Ele não era seu pai, mas aprendera com ele, bem como com seu irmão, alguns ensinamentos transversais que marcariam a sua trajetória, mas, sua reconfiguração iria além deles, porque suas experiências o permitiriam ir. Como seu pai, acreditava no valor do esforço individual e nos estudos como meios para se atingir um fim, mas, ao contrário dele, não acreditava na escravidão como um “direito” de quem pertence¹⁸, mas uma condição de quem é “pertencido”. Uma condição injusta que poderia ser superada, tanto pelo esforço individual, quanto pelas forças das redes de associação que oportunizavam acesso aos meios para ser livre.

Os estudos a respeito e as fontes analisadas indicam que há uma plausibilidade na associação entre uma educação emancipatória, a conquista de direitos e as transições pelas quais passou André Rebouças até assumir seu papel de destaque na causa abolicionista. Como intelectual ávido por conhecimento, suas visões a respeito de direitos civis e sobre

¹⁷ Segundo Leo Spitzer, depois da morte de seu pai Antônio Pereira Rebouças, André Rebouças “envolveu-se apaixonadamente na luta pela Abolição, porque se sentia, então, totalmente convencido de que a escravidão e o sistema de exploração em que se baseava, ‘manchava a terra’ e era o maior empecilho ao estabelecimento de uma nação progressista e moderna, na qual poderia dominar uma democracia rural, a liberdade de pensamento e o livre comércio.” Spitzer, 1980, p. 43.

¹⁸ Segundo Keila Grinberg, até o fim de sua vida, Antônio Rebouças permaneceu fiel à tese de que a liberdade não era um “direito natural”, mas uma conquista reservada a quem fizesse por merecê-la. No final da vida, por exemplo, já consolidado no mundo jurídico, manteve sete escravizados em sua casa e só concedia liberdade aos que conseguissem formar o pecúlio e comprar a própria alforria. A renda como um direito pessoal advindo do esforço individual e não de mudanças ou reformas. Para a autora, “seu intuito real era estabelecer a renda como critério eficaz de qualificação dos cidadãos” (Grinberg, 2002, p. 150).

a própria noção de escravidão se alargariam durante os anos seguintes, mas ele manteria viva a dimensão emancipatória atrelada a direitos mais amplos.

A escravidão não está no nome, mas sim no fato de usufruir do trabalho de miseráveis sem pagar salário ou pagando apenas o estrito necessário para não morrer de fome. Aviltar e minimizar o salário é reescravizar. Mesmo nos países que se supõem altamente civilizados, a plutocracia faz todo o possível para reduzir o salário ao mínimo absoluto; a landocracia, principalmente, é reescravizadora por atavismo: não compreende a agricultura sem escravo ou sem servo da gleba (...) (Rebouças Apud Jucá, 1988, p. 209).

Essas palavras, esboçadas em 1895 em uma carta privada, demonstrariam que suas visões de liberdade e de abolição estariam atreladas não apenas ao ato da aquisição imediata de liberdade, mas ao pós-libertação, isto é, aos desdobramentos da conquista ou da concessão desses direitos. Essa dimensão já estaria presente em sua obra *Agricultura Nacional*, quando ele apresenta o questionamento de que o que se faria com (e o que fariam) aqueles que se tornariam livres da escravidão no Brasil. Era preciso educá-los, dar-lhes terras e emprego para que sua liberdade não significasse cair em outras formas de “escravidão”, manifestas pela dependência econômica ou simbólica de seus antigos senhores. Emancipar seus corpos e mentes para que efetivamente fossem livres. No trecho acima, ele se refere a exploração do trabalho dos imigrantes cujas condições se assemelhavam àquelas enfrentadas pelos escravizados que não mais existiam (legalmente) nesse momento, o que demonstra que a condição de escravizado corta suas reflexões, mesmo quando não se referia a pessoas formalmente submetidas a mesma.

A associação das posturas assumidas por esse intelectual com os debates pós-lei Rio Branco (1871)¹⁹ e com os esforços institucionais para fazer frente a realidade criada pela lei e as pressões sociais dos setores associados a escravidão dentro e fora do parlamento tornariam os debates acerca de educação, direitos políticos, trabalho e acesso à terra como um tema transversal que cortaria a questão servil. André Rebouças faz essa associação na década de 1870 e no decorrer das décadas seguintes devido ao seu comprometimento intelectual cada vez maior com a causa, uma vez que não via outro caminho senão através de reformas mais profundas. Ele reconheceu nas medidas pouco

¹⁹ Também conhecida como “Lei do Ventre Livre”, a lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871 tornava livre o filho de mães escravizadas a partir de sua promulgação e daria outras providências. Embora a “liberdade” envolvesse tutela (controle) do senhor de sua mãe ou do Estado, e todas as controvérsias a esse respeito, essa lei reconheceu uma série de direitos cotidianos dos escravizados, como no caso do pecúlio e da compra de alforria.

abrangentes do gabinete conservador de 1871 (Rio Branco), no imobilismo dos governos posteriores em tratar a questão dos ingênuos e na associação de liberais como Sinimbu (1879) ao poder estabelecido (latifundiários e escravocratas) o sinal de que era necessário pressionar ainda mais por mudanças.

A dimensão de “empoderamento” talvez coubesse aqui como um conceito teórico e heurístico para se analisar os efeitos que a dotação de capacidades aos indivíduos ou grupos, seja por ações individuais e pessoais, seja pela oportunização de meios por terceiros para esboçar o entendimento do processo de construção da ideia de que os indivíduos seriam capazes de superar dificuldades a partir de seu esforço. Embora se possa incorrer em anacronismos, visto que a mesma palavra teria sido cunhada cem anos mais tarde (década de 1970) no contexto de luta por direitos civis, o sentido de que a educação teria um efeito transformador para os trabalhadores poderia ajudar a entender os sentidos que a educação e outras formas de aquisição de mecanismos de insurgência contra a ordem consolidada assumiriam para as pessoas que aprendiam a ler e escrever em uma sociedade que dizia que isso não as pertencia.

A alfabetização e o letramento não devem ser associados unicamente a uma ação política em sentido restrito, afinal, ela teria sentidos práticos imediatos, como o exercício de atividades profissionais. Todavia, a sua dimensão política (que não exclui a possibilidade anterior) forneceria mecanismos sociais de construção e de divulgação de ideias, muitos dos quais historicamente negados a determinados grupos sociorraciais. Essa ação permitiria a transgressão de barreiras e preconceitos de estruturas simbólicas que associavam o domínio da educação formal à civilização e essa às pessoas de posses e/ou brancas. Nesse sentido, educar-se e, sobretudo, aprender a ler e escrever, seria também um ato político.

Para Rebouças, educação e emancipação caminhavam juntas, no sentido que dariam ferramentas (concretas e simbólicas) aos seus portadores para que pudessem seguir adiante e progredir em suas vidas. Ele tinha uma visão de elite a esse respeito²⁰, afinal, ele partia de um espaço de privilégios culturais e econômicos que o distanciava de outras pessoas negras e pardas. Mas isso não significa que não tenha enxergado nessas mesmas pessoas o potencial transformador ao confiar que a educação fornecida seria

²⁰ Angela Alonso identifica em André Rebouças e Joaquim Nabuco duas figuras de maior destaque entre os novos liberais. Embora membros da elite imperial, filhos de família de destaque na monarquia e próximos ao monarca, eram “marginais” por se manterem à distância do núcleo Saquarema. Portanto, tiveram que trilhar um caminho distinto para acessar determinadas esferas do poder. Ver: ALONSO, 2002.

capaz de despertar neles aquilo que despertou em si próprio: o desejo e os meios para transgredir. Ao se aproximar e se familiarizar com as experiências de gente comum, “de cor”²¹, ao enfrentar os obstáculos em suas vidas para conseguir sobreviver ou para ascender socialmente, ele teria aprendido que para essas pessoas a busca por educação também era uma forma de autotransformação e de transformação social.

As experiências das pessoas “de cor” e da gente comum demonstrariam as possibilidades para além do cosmopolitismo de elite que marcaria as visões de muitos intelectuais como Rebouças. Entretanto, esse cosmopolitismo que se traduzia por visões e projetos de elite que pensavam que a falta de educação formal seria um problema a ser superado para o desenvolvimento e o progresso também constituía parte de seu *etos* social. Afinal, essa ideia também seria utilizada pelos defensores (conservadores ou liberais) das reformas políticas para justificar a restrição do voto dos analfabetos, por exemplo, realidade de boa parte da população brasileira no período, mesmo diante da riqueza civilizacional de culturas ágrafas africanas que foram trazidas e ressignificadas no Brasil pelas pessoas traficadas. Mas, como o mesmo Rebouças demonstra, esse cosmopolitismo não seria uma “venda ideológica” intransponível, visto que a luz dos debates da mesma reforma, vozes do parlamento se levantariam contra tal exclusão sob a justificativa que o aprendizado político também se daria no diálogo (concreto e simbólico) e nas ruas (Andrade e Silva, 1879, p. 438).

A própria insistência de André em encarar as pessoas comuns como agentes ativos de transformação através da educação e do trabalho demonstraria não apenas uma espécie de visão híbrida de dimensões de mundo limítrofes – cosmopolita e popular – ausentes em outros intelectuais, como reconhecia nesse hibridismo a possibilidade de levar adiante seu projeto de país. Aqui importa menos o analfabetismo como um problema e mais os efeitos transformadores de uma ideia de educação emancipadora que ele defendia e que poderiam ser aproveitadas como bandeira de luta e como mecanismo de transgressão pelas pessoas que buscavam educar a si e aos seus descendentes.

A crença na “capacidade de fazer algo” transgredia uma ideia naturalizada de que grupos raciais como os negros e mulatos (africanos e afrodescendentes) seriam incapazes

²¹ A partir do final da década de 1870, as legislaturas dos estados do sul dos EUA aprovaram leis segregacionistas que obrigavam a separação entre “brancos” e “pessoas de cor” em diversos espaços públicos ou privados. Geralmente, qualquer pessoa de ascendência negra determinável ou suspeitava em qualquer grau era para esse fim uma “pessoa de cor”. As aspas foram utilizadas não só por se tratar de um termo historicamente usado e, embora apresente cunho preconceituoso, resolvemos mantê-lo para conservar a ideia por trás do contato entre categorias socioculturais distintas.

de fazê-lo. Isso dialoga com a interrogação de que esses grupos seriam naturalmente “brutos” ou foram “embrutecidos” pelas experiências de aprendizagem violentas a que se submeteram? A resposta depende de quem pergunta.

Transitando pelo mesmo Império do Brasil da segunda metade do oitocentos e tendo como foco a questão da educação, é possível identificar personagens da história da educação popular brasileira que podem ajudar a encontrar uma resposta para a pergunta anterior. O professor negro Pretextato dos Passos e Silva e a comunidade com a qual dialogava – seus alunos e seus pais/responsáveis – responderam ao questionamento anterior (ou as limitações simbólicas e estruturais da sociedade em que se inseriam) com ação direta e mobilização em torno da mesma ideia emancipatória e “progressista”, por assim dizer. Uma educação que se materializou em sua escola para pretos e pardos e no ensino inclusivo dessas populações diante de circunstâncias de exclusão baseadas em preconceitos de raça e de classe social.

Não seria uma ação não isolada das circunstâncias sociais de seu tempo, afinal, seu sucesso dependia da capacidade de se adequar a determinadas circunstâncias, como a história desses personagens demonstrou (Silva, 2000; Ferreira, 2020). O diálogo com a visão das elites sobre como deveria ou não ser a educação dessas pessoas, seja se aproximando ou se distanciando delas, era igualmente fundamental para o sucesso da empreitada²².

O professor e o engenheiro tinham que lidar com uma realidade marcada não apenas por dimensões concretas de exclusão e de preconceito, mas também de ideologias que classificavam as pessoas conforme sua classe social, a cor de sua pele e a sua origem. No caso de Rebouças, ele se inseriu em batalhas intelectuais e políticas que podiam ser percebidas através de seus textos em *O Novo Mundo* e no *Jornal do Comércio*, sobretudo na série de artigos intitulados “Agricultura Nacional”, produzidos no decorrer dos anos de 1870, com a qual lidava diretamente com as ideias defendidas pela lavoura a respeito de temas como propriedade agrícola, força de trabalho, educação entre outras.

Lidar com essa elite que ele bem conhecia e que, ora o aproximava, ora o repelia, fez com que André se sentisse cada vez mais mobilizado em debater causas que considerava não apenas fundamentais, mas urgentes. A noção de urgência que provavelmente fora despertada nas suas andanças pelo mundo, indicava que o Brasil

²² Haveria uma lacuna temporal entre as experiências mais de Pretextato e aquelas tratadas por Rebouças, não fosse pelo fato do primeiro ter permanecido em atuação até pelo menos a década de 1870.

precisava enfrentar seus “demônios” caso quisesse ter algum papel no “mundo civilizado”. E ele agiu nesse sentido, juntamente com outros indivíduos ou grupos. Mas, para além de uma questão geopolítica ou econômica na ordem capitalista internacional, era preciso que se olhasse com mais cuidado para seu povo, para os trabalhadores, lhes proporcionando meios para subsistência (como acesso à terra e emprego), educação e oportunidades.

Neste sentido, ele aponta em outro trecho de Agricultura Nacional transcrito abaixo:

[...] Quanto á escravidão!.... essa nos serve de obstaculo em tudo e por tudo. Na vida intima, na vida publica, na vida internacional, sempre a escravidão como um anathema fatal! É a escravidão, que impede a emigração espontanea para o Brazil. É a escravidão o primeiro argumento dos governos europeos contra a colonisação no Brazil.
[...] No emtanto é preciso que, em ponto algum, o Brazil seja inferior a qualquer nação do mundo. E para alcançar quanto antes este apogeo, é necessario, é urgente, é indispensavel acabar, logo que possivel fôr, com a escravidão [...] (Rebouças, 1988, p. 290).

Ao refletir sobre a “Agricultura Nacional”, setor chave da economia, que empregava durante séculos a maior parte dos trabalhadores, muitos dos quais, escravizados e de onde advinham as elites que controlavam os destinos do país, André mirava naquilo que ele considerava chave para a compreensão do porquê o Brasil era daquele jeito e o que deveria ser mudado.

Tais porquês e suas explicações ora correspondiam às realidades que ele observava, a engenhosidade e o conhecimento por ele adquiridos, ora esbarravam nas resistências estruturais representadas pela relutância em aceitar qualquer tipo de mudança que pudesse ameaçar as estruturas de poder, as lógicas de dominação e exploração e as desigualdades. Os defensores da lavoura e da sociedade como era conhecida selaram barricadas em torno de questões como a posse da terra, a liberdade do trabalho, o direito à participação política, o acesso à educação formal, pontos que Rebouças considerava nevrálgicos às melhorias que ele acreditava serem necessárias. O fato de o Brasil ter sido o último país das Américas a abolir a escravidão, em 1888, e de não ter realizado nenhuma política, no imediato pós-abolição, que garantisse aos ex-escravizados e seus descendentes condições adequadas de vida sinaliza que tipo de visões e interesses estariam em jogo e contra os quais Rebouças teve que lutar.

Considerações finais

Costuma-se dizer que André Rebouças, como algumas figuras de destaque na história humana, seria uma pessoa “à frente de seu tempo”. Pegando tudo aquilo que planejou, executou, registrou e construiu seria fácil identificá-lo como tal. Mas essa premissa é, ao mesmo tempo, tentadora e empobrecedora. Ele definitivamente era uma pessoa de seu tempo, com particularidades que o fizeram cultivar admiradores e inimigos variados, alguns poderosos, inclusive. Ele foi, acima de tudo, um pensador social, um intelectual comprometido com as causas de seu tempo. Isso diferencia ele de outras figuras que foram seus contemporâneos ou mesmo de gerações anteriores, como o seu pai.

A forma como se colocou e encaminhou determinadas questões são parte de seu legado. A luta por justiça social, pela educação dos mais pobres, pelos direitos dos afrodescendentes entre outros seriam marcas daquilo que ele foi e que, da mesma forma, nos ajudaram a compreender o período histórico e as questões analisadas.

Sua biografia nos ajuda a entender questões mais complexas e amplas. O momento em que defende inicialmente suas ideias reformistas, que escreve artigos a respeito de pontos que considera problemáticos e, portanto, centrais às suas reflexões sobre o Brasil, coincide com um período histórico em que aumenta a pressão por direitos civis e políticos da população escravizada e de seus descendentes, algo que teria influenciado na intensificação dos debates sobre a fim da escravidão, sobre direitos civis (como a educação) e políticos (como a participação eleitoral) e, simultaneamente, é o momento em que a resistência do escravismo se fazia mais aguerrida na política. A década de 1870 é a década da aprovação da Lei do Ventre Livre, do retorno dos Liberais, dos debates sobre o voto direto e sobre reformas educacionais. Era nesse contexto em que ele se inseria e que produziu artigos que marcariam sua atuação pela década seguinte, em favor da abolição da escravidão e da educação de negros e pobres.

André Rebouças, junto a outros intelectuais da "geração de 1870", buscava espaço na carreira pública e ativismo político. Eles exploraram lacunas deixadas pela crise do sistema político saquarema, marcada pelo indianismo romântico, liberalismo estamental e catolicismo hierárquico. Essa crise intensificou-se entre as décadas de 1860 e 1870, culminando no governo Rio Branco e nas reformas moderadas que esvaziaram bandeiras do partido Liberal, como a abolição e a reforma eleitoral.

Sua estada nos EUA fez com que observasse situações similares à brasileira que despertariam nele sentimentos conflitantes. O fascínio com a rápida modernização e crescimento experimentado por aquele país no período de reconstrução (1863-77), o emprego de novas tecnologias e as medidas adotadas sobre a escravidão e a forma como as comunidades negras conseguiram se organizar a partir das experiências no pós-guerra impressionariam positivamente André. Porém, o racismo encarniçado representado por políticas como a de *Jimmy Crow* (1877-1950) que o fez se sentir ameaçado, mesmo diante de suas grandes capacidades e de seu prestígio em solo brasileiro, teriam marcado a sua percepção sobre aquele país. Diferente de Inglaterra e França, e apesar das especificidades, os EUA fizeram com que ele se lembrasse do Brasil, seus desafios e suas possibilidades. O contato com o “outro” fez com que ele (re)visitasse a si próprio.

Ele retorna ao Brasil diferente, o que teria aguçado a sua autopercepção da condição de uma pessoa negra que “embranquecera” pelos costumes e pelos círculos sociais que frequentava, mas que tentava se reconectar com seu país e seu povo mediante o seu engajamento sobre as causas sociais, políticas, econômicas e culturais. Sua luta em favor de reformas estruturais no Brasil, na defesa da reforma agrária, da educação dos mais pobres, do fim da escravidão e a favor de um período pós-abolição que incorporasse negros e negras em uma sociedade livre e mais justa em que todos tivessem oportunidades, como ele teve, para seguir os seus caminhos.

Sua “engenharia social” (ou “socionomia”, como gostava de chamar) dialogava com tudo aquilo que viu e viveu até aquele momento e com aquele que ele se tornou. Os desafios no Brasil, alguns exitosos, outros não, as perdas familiares, a busca por se associar cada vez mais com causas que impactavam diretamente a vida de milhões de pessoas, o uso de sua inteligência e perspicácia metódica para transformar o mundo e a percepção cada vez maior de sua condição de “africano” e de “negro” nas décadas seguintes fizeram com que ele se transformasse. Tais experiências múltiplas fizeram com que André Rebouças se reconhecesse como uma pessoa com raízes atlânticas, pois o seu trânsito pelos quatro cantos do mundo e o seu autoexílio em África no final da vida, embora amargurado com os rumos que a história humana tomava, manifestaram a imagem de uma pessoa que ousou desafiar as ordens estabelecidas, ora por dentro, ora por fora, através do que aprendera e desenvolvera observando o mundo a sua volta.

Uma passagem de Paul Gilroy a respeito da identidade consegue auxiliar na compreensão desse complexo processo pelo qual passou André Rebouças em suas múltiplas experiências.

A propensão não nacional da diáspora é ampliada quando o conceito é anexado em relatos antiessencialistas da formação de identidade como um processo histórico e político, e utilizado para conseguir um afastamento em relação à ideia de identidades primordiais que se estabelecem supostamente tanto pela cultura como pela natureza. Ao aderir à diáspora, a identidade pode ser, ao invés disso, levada à contingência, à indeterminação e ao conflito (Gilroy, 2012, p. 19).

Quanto mais ele conhecia o mundo e, conseqüentemente, a si próprio, menos ele se identificava com aquilo que foi e mais ele se sentia impelido a se reinventar e, a partir dessas novas versões de si próprio, que dialogavam com o seu passado, ele criava uma identidade cada vez mais comprometida com as causas que considerava mais urgentes e com a necessidade imperiosa de transformação. A forma trágica como encerrou a sua trajetória de vida em Funchal, na Ilha de Madeira, apenas seria mais um capítulo para o legado deixado por um homem que reinventou a si próprio para tentar transformar o mundo.

Fontes

BRASIL. Anais da Câmara dos Senhores Deputados do Brasil, 1879, Tomo I.

BRASIL. Lei n. 2.040, de 28 de setembro de 1871. *Coleção das leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 147, 1871.

CONGRESSO AGRÍCOLA DO RIO DE JANEIRO. *Anais*. [Edição Fac-Similar], Rio de Janeiro: FCRB, 1988.

JORNAL DO COMÉRCIO, 12 de março de 1878.

REBOUÇAS, *Agricultura nacional*. Estudos Econômicos – propaganda abolicionista democrática, setembro de 1874 a setembro de 1883. Rio de Janeiro: A. J. Lamoureux, 1883, Ed. fac-simile. Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, Recife, 1988.

REBOUÇAS, André. Carta de André Rebouças a Visconde Taunay. Cape Town, 4 de abril de 1893.

SOCIEDADE AUXILIADORA DA AGRICULTURA DE PERNAMBUCO. *Trabalhos do Congresso Agrícola do Recife em outubro de 1878*. Compreendendo os documentos relativos aos fatos que o procederam coletados e publicados integralmente por

deliberação do mesmo Congresso. Recife: Tipografia de Manoel Figueiroa de Faria & Filho, 1879.

O NOVO MUNDO. Periodico Illustrado do Progresso da Edade. Vol. IV, nº 46. New York, 23 de julho de 1874.

Referências

205

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. Edição do Kindle.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

ASCIUTTI, MÔNICA M. R. Um lugar para o periódico O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879). 2010. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BRITO, Luciana da Cruz. “Mr. Perpetual Motion” enfrenta o Jim Crow: André Rebouças e sua passagem pelos Estados Unidos no pós-abolição. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 32, nº 66, p. 241-266, janeiro-abril 2019.

DOUGLAS, Frederick. *Narrativa da vida de Frederick Douglas e outros textos*. São Paulo: Penguin Books/Cia das Letras, 2021.

EISENBER, Peter. “A mentalidade dos fazendeiros no Congresso Agrícola de 1878”. In: LAPA, José Roberto do Amaral (org.). *Modos de produção e realidade brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1980, pp. 167-194

FERREIRA, Higor Figueira. *Com Tintas de Liberdade: Professores, Raça e Cartografias da Educação na Corte Imperial*. Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: Modernidade e Dupla Consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

GRINBERG, Keila, *O fiador dos brasileiros - cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antonio Pereira Rebouças*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HORNE, Gerard. *O Sul mais distante, o Brasil, os Estados Unidos e o tráfico de escravos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico Revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MATTOS, Hebe. Um livro “tosloico” contra a “brutalidade yankee”: A África e a abolição da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia na escrita de si de André Rebouças (1870-1898). In: LIMA, Ivana Stolze; GRINBERG, Keila;

REIS, Gabriel Aarão (org.). *Instituições nefandas: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018, p. 74-123

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro-análise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SILVA, Adriana Maria Paulo. *Aprender com perfeição e sem coação. Uma escola para meninos pretos e pardos na Corte*. Série Passado/Presente. Brasília: Editora Plano, 2000

SILVA, Antônio Carlos Higino. *André Rebouças no divã de Frantz Fanon*. 1ª. ed. Curitiba: Editora Appris, 2022.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Livro I. A árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. Pensamento e projetos educacionais do professor André Pinto Rebouças (1838-1898). In: CARULA; Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia. (Org.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2013, p. 21-48

SILVA, Celio Antonio Alcantara. *Quando mundos colidem: a imigração confederada para o Brasil (1865- 1932)*. 2007. Dissertação de Mestrado (Mestre em História Econômica) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas - SP, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais in: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2003.

JUCÁ, Joselice. A questão abolicionista na visão de André Rebouças. *Caderno de Estudos Sociais*, Recife, V.4, n.2, p. 207-218, jul./dez., 1988.

JUCÁ, Joselice. *André Rebouças: reforma & utopia no contexto do Segundo Império: quem possui a terra possui o homem*. Rio de Janeiro: Odebrecht, 2001

SPITZER, Leo. Assimilação, marginalidade e identidade: os dois mundos de André Rebouças, Cornelius May e Stephan Zweig. Rio de Janeiro: *Estudos Afro-Asiáticos*, n.3, CEEA/UCAM, 1980.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, PENESB-RJ, 05/11/03. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2009/09/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> Acesso em: 03.02.2024.